



Mais de 2 mil espécies são pesquisadas nos 46 hectares da chácara, totalmente aproveitados

D. F. Cauma

Onoyama lamenta o fim de sua chácara

“O idealismo de construir, trabalhar e viver com o verde é maior do que qualquer indenização” — este é o desabafo inicial de Yoshiaki Onoyama, a respeito da desapropriação das terras da Chácara Onoyama para a construção de um parque público em Taguatinga. O projeto da desapropriação da chácara e de mais outras cinco foi aprovado em sessão do Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente — Cauma — realizada no último dia seis, a pedido do administrador regional de Taguatinga, Itamar Sebastião Barreto. No mesmo dia, à tarde, cortaram a cerca da chácara e a faixa “aqui o futuro parque da cidade” foi pregada nos eucaliptos, que delimitam a chácara.

Yoshiaki chegou a Taguatinga aos 18 anos de idade — hoje tem 48 — junto com seu pai, Saburo Onoyama, falecido em abril com 84 anos. Eles vieram para Brasília aceitando o desafio de Juscelino Kubitschek de fazer o cerrado produzir, já que a terra era considerada imprópria para a agricultura. A família Onoyama produziu numa primeira fase hortigranjeiros, para abastecer a cidade, que não tinha cinturão agrícola. Com a poluição do córrego Taguatinga, que delimita a chácara, mudou-se a produção para frutas.

Vários problemas levaram a chácara Onoyama a mudar novamente a sua produção: atualmente desenvolve projetos de genética e trabalha com mudas frutíferas e ornamentais. Yoshiaki estima que hoje tenha mais de 2.000 espécies e milhões de exemplares dentro de sua fitogenia — a produção vegetal.

Floresta

São quase incontáveis as vá-

rias espécies vegetais encontradas na Chácara Onoyama: nogueira, castanheiras, pitombeiras, mangueiras (que dão frutos sem caroços, resultados de pesquisa do fundador da chácara), além de samambaias, trepadeiras e folhagens que, se vistas à distância, dão a impressão de uma verdadeira floresta — e são pequenas reproduções delas.

Os quarenta e seis hectares atuais da chácara são totalmente aproveitados com o plantio de árvores e grama para revenda, inclusive. Antes, com 83 hectares, teve sua área reduzida por causa da construção de parte da QNL, da estrada que liga Taguatinga à Ceilândia e para implantação de rede de esgotos na satélite. De acordo com o herdeiro da família Onoyama, não foram recebidas indenizações das áreas perdidas — por vontade da própria família.

Os apartamentos florestais — apelido que Yoshiaki deu às suas plantações por causa dos vários tamanhos de vegetais que vão se abrigando um abaixo do outro — mantém árvores raras e atípicas do cerrado. Uma castanheira portuguesa, com 28 anos de idade, agora começou a produzir sementes. No caso de uma desapropriação governamental como a prevista no decreto, Yoshiaki diz não poder calcular o valor desta árvore. “Agora tirarei cerca de dez mil sementes dela. Como posso imaginar quanto devem me pagar?” — diz ele indignado.

A produção da Chácara Onoyama não se limita apenas à multiplicação de mudas, espécies dos vegetais — são feitos também estudos genéticos de mutação dos vegetais.

Yoshiaki e seu pai conseguiram produzir, além da manga sem caroço, batatas-doces com 35 quilos e lírios que deram 800 flores, cada pé com 1,60 metros de diâmetro. Apesar dos estudos, a chácara nunca recebeu uma visita formal de estudantes, professores ou técnicos da Universidade de Brasília — UnB — ou de qualquer órgão federal.

Outro Parque?

As lideranças populares de Taguatinga não entenderam a atitude do administrador regional, Itamar Sebastião Barreto, em demarcar outra área para parque de lazer sendo que já existe um outro, com 100 mil metros quadrados, na área sul da cidade. Apenas 20% da área do parque “Saburo Onoyama” — nome dado pelo administrador ao parque no último dia 5 de junho em homenagem ao pioneiro agricultor — estão aproveitados. Outro questionamento feito na cidade é a apressada aprovação do projeto, pelo Cauma, sem consulta popular.

“A população não quer outro parque na cidade. Precisa é conservar a chácara Onoyama para as gerações futuras. Onde está a responsabilidade de alguns perante a ecologia?” — comenta Yoshiaki, lembrando de uma possível depredação do patrimônio da chácara se a área for destinada ao lazer. Disposto a atender visitantes, estudantes, autoridades e amantes da natureza, oferecendo a área para estudos, Yoshiaki não quer é o desaparecimento do ecossistema. “O mais intrigante é que o Itamar nunca veio aqui” — diz Yoshiaki sobre o comentário do administrador a respeito da improdutividade da chácara.